

CLAUSTROSOPIA, CÁRCERE E RASURA NAS BIOGRAFIAS LITERÁRIAS DE ESCRITORES MILITANTES POLÍTICOS: TRAVESSIAS DE DALCÍDIO JURANDIR

CLAUSTROSOPIA, JAIL AND ERASURE IN THE LITERARY BIOGRAPHIES OF MILITANT POLITICAL WRITERS: CROSSES OF DALCÍDIO JURANDIR

Viviane Dantas Moraes

UFMA

Resumo: A militância política de escritores, em geral, aparece como um fato dissociado de sua carreira literária. Quando a atividade militante e revolucionária contra regimes de repressão culmina com a prisão política, a questão se torna ainda mais sensível no que concerne a relacionar a experiência do cárcere com a produção literária. A literatura do cárcere, portanto, surge como uma possibilidade de trazer à tona o testemunho desses escritores e, ao mesmo tempo, revelar uma faceta de sua biografia literária que, normalmente, é informada de maneira discreta, quase rasurada da vida do autor, como se a atividade política estivesse alienada da figura do escritor. Para esse estudo, trouxemos uma reflexão sobre o escritor paraense Dalcídio Jurandir, militante comunista preso durante a Era Vargas, em Belém, no Pará. Sob a ótica do conceito de claustrosopia, de Roberto Vecchi, iremos refletir sobre a atividade literária e intelectual de Dalcídio no cárcere com o objetivo de inserir tal produção em novas perspectivas de leituras.

Palavras – chave: cárcere. Claustrosopia. Dalcídio Jurandir. Militância. Biografia literária.

Abstract: *The political militancy of writers, in general, appears as a fact dissociated from their literary career. When militant and revolutionary activity against repressive regimes culminates in political imprisonment, the issue becomes even more sensitive with regard to relating the prison experience to literary production. Prison literature, therefore, emerges as a possibility to bring out the testimony of these writers and at the same time reveal a facet of their literary biography that, normally, is informed in a discreet way, almost erased from the author's life, as if the political activity was alienated from the figure of the writer. For this study, we brought a reflection on the Pará writer Dalcídio Jurandir, a communist militant arrested during the Vargas Era, in Belém, Pará. From the perspective of Roberto Vecchi's concept of claustrosophy, we will reflect on Dalcídio's literary and intellectual activity in prison with the aim of inserting such production into new reading perspectives.*

Keywords: *prison. Claustrosophy. Dalcídio Jurandir. Militancy. Literary biography.*

A produção literária de escritores atuantes na militância política durante o seu contexto social de criação artística, pode muito revelar sobre seus envolvimento ético com a estética da resistência. Como diria o crítico literário Alfredo Bosi (2002), a resistência, de um ponto de vista elementar, é um conceito originalmente ético para, posteriormente, se tornar estético. A experiência do cárcere político, portanto, mediante a perspectiva claustrosófica do filósofo Roberto Vecchi (2015), pode revelar a tendência estética e influenciar tanto um projeto literário por si só, quanto o nascimento de uma obra dedicada a contar ou a expurgar estas memórias.

Para Vecchi (2015), o cárcere pode ser o produtor de um saber especial, um modulador do pensamento em condições de repressão. Ressalta-se que a reflexão de Vecchi é inspirada na produção literária e filosófica de importantes personalidades como Antonio Gramsci, a partir de seus relatos acerca de sua experiência de prisão, em *Quaderni Del cárcere* (1948), escritos entre 1926 e 1937, quando esteve preso pela ditadura fascista de Mussolini na Itália. De acordo com Vecchi (2015):

A coação das dimensões do tempo e do espaço – um tempo enorme, corpulento como o define Gramsci, mas não infinito, e um espaço exíguo, austero, cerrado – influenciaria o sujeito interpretativo, assim como afetaria as representações ou a elaboração que decorrem do aprisionamento, como se a subtração se tornasse, pelo contrário, a potência de uma condição forçadamente isolada, excepcional (VECCHI, 2015, p. 208)

Nesse caso, o estudo da claustrosófia volta-se, em princípio, para a ótica do testemunho do cárcere. Vecchi discute sobre o paradoxo do confinamento carcerário: “De fato, será que a prisão preserva e alimenta uma relação especial com o pensamento? A experiência do cárcere como comunica com uma especulação crítica e, sobretudo, é possível individuar uma espécie de pensamento do cárcere?” (VECCHI, 2015, p. 208).

A literatura do cárcere, nessa perspectiva, abrange várias formas de expressão que emanam desse espaço, como anotações, cartas, diários e leituras, ou seja, a prisão se mostra ao invés de um espaço claustrofóbico, um espaço “claustrosófico”. Ressalta-se que estamos refletindo neste ensaio sobre traços fundamentais de um gênero literário que se constrói mediante a exploração específica de um espaço tanto narrativo quanto físico, o cárcere e a cela.

A questão do espaço da cela imbuído nas narrativas literárias enquanto categoria narratológica merece atenção, se pensarmos no cárcere enquanto o principal propulsor dos testemunhos. Ou seja, configurando-se enquanto espaço protagonizado na cena narrada, constituem-se, dessa forma, as teias que entrelaçam o tempo histórico, cronológico, individual e coletivo, além de experiências também individuais e coletivas. Portanto, nota-se, nesse intento, que a literatura do cárcere compõe os elementos que contemplam os estudos da teoria da literatura, se fortalecendo, portanto, enquanto um gênero que se caracteriza fortemente a partir da ótica espacial. Esse é um ponto ainda não explorado, ou não tanto quanto necessário, em relação a esse gênero literário para que este se justifique enquanto tal.

Nesse sentido, uma contribuição de cunho estruturalista se apresenta a partir das reflexões de Luis Alberto Brandão (2013) sobre as teorias do espaço literário. Segundo Brandão (2013), “o

espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras”, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica. Uma das propostas do autor é a categoria de espaço-pensamento, ideia que coaduna com a ideia de claustrosfia proposta como linha de reflexão neste ensaio, e com a ideia do cárcere/cela enquanto condutores do narrar. Segue a contribuição de Brandão (2013):

A terceira linha de força aborda o espaço como sinônimo de pensamento, o que implica inicialmente uma discussão de cunho filosófico. Esta, por sua vez, desemboca em questões antropológicas, já que, especializado, o pensamento deve ser concebido em espaço de cultura, como manifestação da inteligibilidade do humano. Segundo o prisma metafísico, o pensamento almeja o plano das Ideias, lugar da Utopia: paradoxalmente, lugar que não é lugar, negação da natureza acidental dos lugares concretos (BRANDÃO, 2013, p.62)

Sem dúvida, esse recorte de reflexão é necessário para se aprofundar em outro momento oportuno, mas é certo que o cárcere enquanto espaço literário se revela importante na biografia literária dos escritores que testemunharam essa experiência através de suas narrativas do cárcere.

Ao refletir sobre a construção das narrativas do cárcere enquanto gênero literário, o pesquisador Aulus Mandagará nos ressalta:

Um olhar mais atento permite verificar que a designação literatura de cárcere encobre uma vasta modalidade de textos e discursos: obras de ficção, poemas, memórias, diários, cartas, depoimentos, relatos — em comum, apenas, a narração de um confinamento carcerário, factual ou fictício. O que significa, pois, uma literatura produzida no ou sobre o cárcere? É relevante perguntar-se ‘quem’ escreve no ou sobre o cárcere e quais as condições ideológicas e discursivas em torno desses textos? Neste ponto, faz-se necessário, para aprofundar a discussão, restringir e tornar mais preciso o ‘corpus’ de análise. A proposta é que a literatura de cárcere, mais do que narrar um confinamento prisional, define-se pela ‘presença de um testemunho de uma experiência carcerária’ (MANDAGARA, 2013)

Nesse sentido, o conceito de claustrosfia ou alegorias claustrosóficas, de Roberto Vecchi, nos fornece um direcionamento para nos debruçarmos sobre as expressões do pensamento que se modulam no cárcere, que se expandem, e que não se conformam dentro ou fora da cela. Mediante essa concepção, mas, sobretudo, sob o parâmetro das alegorias claustrosóficas, ou seja, um pensamento nascido, criado e difundido na perspectiva da vivência da prisão ou a algo que se assemelhe a uma espécie de isolamento, o escopo das narrativas do cárcere se enaltecem no momento em que toda tentativa de comunicar a experiência enquanto testemunho e refletir sobre ela, contribui para a construção de uma vertente literária específica de narrares diversos, constituindo, dessa forma, uma estética peculiar.

Portanto, mediante tal perspectiva, podemos considerar que todo registro que se originar no cárcere ou que seja motivado por ele, resguarda uma faceta importante da biografia literária dos au-

tores envolvidos e, paradoxalmente, são estas facetas rasuradas, olvidadas, separadas ou até mesmo ignoradas do que se pode ser o eixo central para a compreensão das escolhas estéticas e ideológicas de cada autor. É o caso dos escritores paraenses Dalcídio Jurandir e Eneida de Moraes¹, ambos filiados ao Partido Comunista (PCB) que, no despertar de suas carreiras literárias, não se despiram de suas atividades militantes e foram presos durante a Era Vargas, nas perseguições e nas censuras decretadas pelo Estado Novo (1937-1945).

Atualmente, não existem biografias publicadas sobre os escritores Dalcídio Jurandir e Eneida de Moraes. No entanto, o que existe de informações biográficas que nos fornecem suas respectivas histórias de militância são muito poucas e pouco evidenciadas, como se a militância comunista e o cárcere político pairassem como uma vergonha, uma rasura discreta que evitasse a todo custo a difamação do escritor ou simplesmente uma tentativa de colocar no esquecimento uma luta ética que está estritamente ligada aos ideais literários de cada um. Quanto à Dalcídio Jurandir, há alguns trabalhos acadêmicos² que abordam esse aspecto, como o da historiadora Maíra Oliveira Maia, em que ela faz uma abordagem mais abrangente sobre a militância do escritor.

A prisão política do comunista Dalcídio Jurandir ainda aparece – ou não - em linhas gerais sobre o escritor, apenas como um simples dado biográfico. O escritor foi preso duas vezes, em 1936 e em 1937. Dentre esses episódios da vida militante do escritor, um fato foi descoberto e revelado em uma pesquisa recente³, que Dalcídio deixou uma anotação importante na sua edição em espanhol⁴ da obra *Dom Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes (1547-1616), lida durante a primeira prisão no presídio São José, em Belém, no Pará, em 1936.

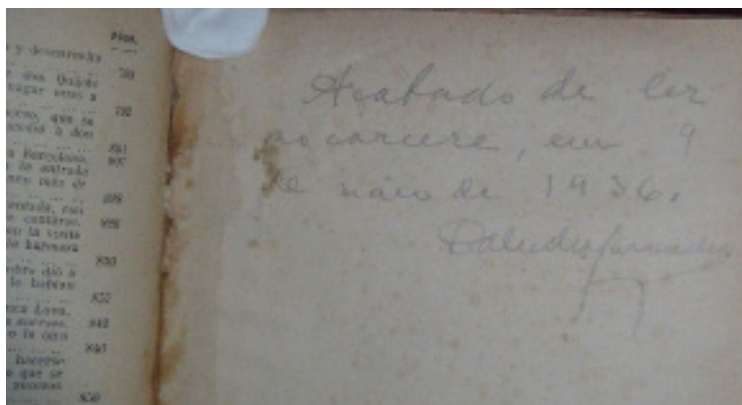


Imagem 1: Anotação do escritor na última página do livro – *Acabado de ler no cárcere, em 9 de maio de 1936*. Acervo Casa Rui Barbosa (RJ).

1. Eneida de Moraes foi presa várias vezes durante a Era Vargas. Em seu livro de crônicas intitulado *Aruanda e Banho de Cheiro* (1957), a autora testemunha seus relatos de militância e cárcere.

2. Tese de doutorado intitulada “Para além da decadência: a ‘aristocracia de pé no chão’ na Belém de Dalcídio Jurandir”, apresentada em 2017 ao Programa de Pós-Graduação em História Social (PPHIST), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

3. Mais informações sobre esse fato podem ser encontradas no artigo “Nos moinhos do cárcere: Dalcídio Jurandir, leitor de *Dom Quixote de la Mancha*” (2019), da pesquisadora Viviane Dantas Moraes (UFMA), publicado no periódico *Literatura e Autoritarismo* (UFSM).

4. A edição em espanhol lida no cárcere pelo autor se encontra da biblioteca do autor na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e foi identificada pela pesquisadora Viviane Dantas Moraes (UFMA).

A importância dessa descoberta se destaca por três motivos: o primeiro se deve ao fato de que, até então, acreditava-se que a obra teria sido confiscada pela censura do presídio e o escritor não havia finalizado a leitura, segundo o crítico literário Renan Perez (1964). O segundo motivo se trata de observarmos que na escolha da obra lida pelo escritor, o cavaleiro da triste figura, o Dom Quixote, aquele que luta contra as injustiças em prol dos desvalidos e necessitados, aparece como possível constructo de um projeto literário imbuído pela vontade de desvelar uma Amazônia repleta de problemas sociais. E, finalmente, essa anotação se revela o único registro literário, ou seja, claustrosófico do autor durante a primeira prisão por dois meses em 1936.

Nesse sentido, estamos nos referindo ao Ciclo Literário do Extremo Norte (1941-1976), conjunto de uma obra composta de 10 romances, em que um mesmo personagem chamado Alfredo, nos desvenda esse lugar por uma ótica das aventuras e desventuras, das injustiças, perpassando derrotas e angústias, e por fim, vencido pela desesperança. Não menos importante evidencia-se nessa atitude de resistência de Dalcídio Jurandir, um leitor escritor no cárcere, proferindo e exercendo, mesmo no claustro, uma produção do saber em seu exercício de leitura. Não era incomum que presos políticos, sobretudo escritores, tentassem continuar suas atividades intelectuais no cárcere, como ler, escrever, etc. embora saibamos que a vigilância e a proibição dessas práticas faziam parte das regras autoritárias do regime de exceção.

O escritor Graciliano Ramos (1892-1953), em “Memórias do Cárcere” (1953), sua obra póstuma, por exemplo, menciona vários títulos que levou consigo para a cela, a saber, “Território Humano”, de José Geraldo Vieira, “Gente Nova”, de Agrippino Grieco, e “Dois Poetas”, de Otávio de Faria, explica que, na prisão de presos políticos, havia certa organização de atividades de militância como leituras, rodas de conversa e até palestras. No entanto, o que no caso de Dalcídio chama a atenção é a anotação expressa na última página do romance, como um grito, um grande feito, um ato de rebeldia que lhe serviria como uma grande travessia em sua carreira literária.

Dalcídio Jurandir nasceu em Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, no Pará. Escreveu e publicou 11 (onze) livros, sendo que 10 (dez) deles formam o já acima mencionado *Ciclo do Extremo Norte*: “Chove nos Campos de Cachoeira” (1941), “Marajó” (1947), “Três Casas e um Rio” (1958), “Belém do Grão-Pará” (1960), “Passagem dos Inocentes” (1963), “Primeira Manhã” (1968), “Ponte do Galo” (1971), “Os Habitantes” (1976), “Chão de Lobos” (1976), “Ribanceira” (1978) e um livro publicado isoladamente desse ciclo, intitulado “Linha do Parque” (1959). O projeto literário produzido em meio às turbulências, dificuldades financeiras e entraves do mercado editorial, conseguiu o prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 1972.

No conjunto da obra publicada de Dalcídio Jurandir, o supracitado Ciclo do Extremo Norte, não existe nenhuma referência explícita sobre a sua experiência de preso político, ou seja, não existe nenhuma obra em que ele testemunhe sobre o fato. No entanto, como já foi dito, as leituras de Dalcídio Jurandir no cárcere influenciaram e fortaleceram sua veia ideológica, o que contribuiu para que a ânsia por uma literatura de cunho ético, político e social fossem os elementos propulsores de seu projeto literário.

Entretanto, no que concerne aos registros biográficos desse momento tão crucial na história

do escritor, temos como material importante as cartas que ele trocou com a esposa Guiomarina na prisão de 1937, e uma obra supostamente inacabada⁵ intitulada “Normando: um negro de 10 traços biográficos”. Embora sejam poucas as cartas as quais temos acesso, elas vislumbram uma estética literária, pois talvez fossem um recurso ou uma estratégia para que esse escritor externasse suas ânsias de dialogar com o mundo exterior através da escrita. E é nessa perspectiva que a ideia de claustrosfia se revela uma potência enquanto reveladora de um universo encarcerado que fervilha em atos de resistência.

Nas cartas trocadas com a esposa Guomarina, em 1937, enquanto esteve encarcerado no presídio São José, em Belém do Pará, podemos notar muitas nuances romancescas nesses textos em que o autor reflete sobre sua visão de mundo em relação ao momento atual, a saber, a Era Vargas. Diálogos prosaicos, a preocupação com a família, conflitos entre a esperança e a indignação com as injustiças. É o que podemos notar numa das primeiras cartas⁶ (trechos):

Guiomarina,

É preciso nunca perder o entusiasmo de viver. Você deve saber que é moça e sabendo qual hoje é o caminho da vida a seguir, deve ante o sacrifício e a desgraça, a brutalidade da reação sanguinária e lamacenta, ser perseverante e alegre como uma lutadora. Não desepere. Lembre-se de milhares de mulheres que tem maridos, irmãos, noivos, namorados e filhos presos, torturados e assassinados. Lembre-se da heroica Geni Gleizer (sic) que foi violentada nas masmorras paulistas e Olga Prestes encarcerada nas hediondas prisões de Hitler. Lembre que as mulheres na Espanha estão na vanguarda da luta pela libertação do povo, pela defesa da democracia e da cultura, pelo futuro dos seus filhos e do mundo. [...] Encare tudo isto com serenidade. Já passamos dias piores aqui. Agora é canja pra nós.

Dalcídio

As intertextualidades presentes nessa carta expressam um conhecimento de mundo perante os acontecimentos históricos e políticos que rondavam o escritor. O que aparenta ser apenas um diálogo, se torna uma denúncia, um registro dos acontecimentos hediondos que envolviam a tortura, a repressão, a violência contra as presas políticas. Ao mesmo tempo em que ele traz à tona para a atualidade, personalidades desconhecidas ou pouco faladas como Genny Gleizer, por exemplo.

Em outra carta, numa linguagem mais prosaica, há um fato relevante. Dalcídio, que continua suas leituras no cárcere, pede a esposa alguns livros específicos. Sabemos que nas prisões políticas, a leitura era muitas vezes censurada ou controlada. Além do mais, supomos a possibilidade de que essas cartas fossem vistoriadas pelos agentes. Portanto, para que não chamasse a atenção, os livros eram solicitados numa conversa simples com assuntos cotidianos.

Guiomarina,

Sérgio bom?

5. A consulta aos originais foi realizada na Casa de Cultura Dalcídio Jurandir, em 2016, à época situada em Niterói, no Rio de Janeiro.

6. A compilação das cartas pode ser encontrada na obra “Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia (2006)”, organizada pelo filósofo Benedito Nunes.

[...] Cuidado com a gripe. Antes de dar laranja, dar lima. Deixa-o ao sol matinal e sempre leva ao médico. Aleitamento materno sempre. Toma leite, muito descanso, repouso para dar bem leite. Manda-me o 2º *Fausto* de Goethe, em francês – capa verde. Se puderes me mandar 2 ovos que sejam frescos.

Parei, esses dias, de escrever. Há 3 dias que não escrevo. Se Flaviano puder, mande lactase ou outro fermento láctico. E Phospho-Calcina é possível. Tenho sentido umas leves manifestações de reumatismos nos dedos. [...] A carta está mercantil hoje. Muito prosaica. Mas são as coisas reais... Não se esqueça do 2º volume de *Fausto* – de Goethe. Beijos a Sérgio e a você.

Dalcídio

Dalcídio demonstra, nas próximas cartas, estar mais à vontade para exercer suas atividades que o enriquecem como escritor, como ler, escrever e trocar ideias com a mulher, mesmo que por cartas. Em um dado momento, aliás, ele confessa isso a ela “As cartas que lhe escrevo não são mais que continuação das conversas e discussões que temos [...]”

Podemos notar a preocupação do escritor em evoluir intelectualmente. A seguir destacaremos trechos de cartas diferentes, mas que condizem na temática: as leituras e a escrita.

Guiomarina,

Estou bem. Arranjamos uma mesa onde podemos escrever à vontade. Deve ser o título “Mãe Nandica”, não é melhor? [...] Quero terminar a 1º parte. A que me apaixonou é a 2º e 3º. 1º é, parece-me, a menos interessante.

[...] Vai *Mundo dos mortos* – que consegui ler por alto e Mixungos que não li [...] Vê se achas o Comedor de ópio, deve estar na estante velha. Manda dizer ao Flaviano procurar com Gentil Puget os livros *Negro Brasileiro* e *Religiões Negras* que preciso estudar aqui. Não sei onde está *Os corumbás*. Parece que tenho aí.

Num breve bilhete, as conversas sobre leituras literárias continuam:

Guiomarina – Os livros que recebi um é de Nicolau Gogol – e outro do nosso Dostoiévsky. Deste já lemos *A novela* – as etapas da loucura – no livro tem o título *Nietótchka* – o nome da filha do músico louco. Quando te mandar creio que deves ler. A gente sempre se deixa empolgar pela paixão sem limites em Dostoiévsky. Acabei de ler a novela de Gogol e achei magnífica. Gogol é da mesma linhagem dos Tolstoi, Gorki, Dostoiévsky.

O interesse e o esforço de continuar ativo se mostram evidentes nas cartas, constatando, assim, que a experiência carcerária não pode ser um episódio isolado ou excluído da biografia literária do autor, pois nota-se que a literatura ganha um ímpeto especial nesse momento, e as escolhas do escritor por alguns títulos específicos denota a construção de um pensamento que influencia a constituição do seu projeto literário. E não podemos ignorar que um escritor é um intelectual em permanente estado de transformação. Em uma das últimas cartas, como num processo de assimilação da prisão injusta, Dalcídio finalmente escancara sua indignação:

[...] Estou aqui há 50 dias, sem que a polícia saiba ao certo porque me deteve, e atirado num xadrez onde no mínimo que posso adquirir é uma pneumonia. Seja calma e forte. O atual chefe da polícia sabe que minha prisão foi injusta e por isso mesmo produzida pelo ódio gratuito de gratuitos, anônimos adversários meus. Não tenho escrito nada. Meu livro encalhou. Estou num grande mar de tédio hoje. Creio que é a gripe. Mas ao mesmo tempo que o tédio me enche as horas sinto-me sereno como pronto para receber uma carta qualquer que algum cretino que escrevesse. Creio que estou até estúpido hoje. Ou melhor, um pouco fatigado. A fadiga é um começo de estupidez.

No trecho da carta acima, percebemos que, para além da indignação, existe alguém que se revolta com a injustiça da prisão política e demonstra os efeitos do encarceramento no corpo e, conseqüentemente, na mente. Nessa mesma carta, Dalcídio reflete sobre a sociedade, sobre a condição humana, sobre os homens. Esse tipo de reflexão sobre aquilo que está exterior à cela é muito comum nas narrativas dos encarcerados, e esse pensamento entre o limite e a divisa adquire uma perspectiva modulada pela condição de preso. A reflexão de Dalcídio é motivada pelo comentário sobre o filho João Sérgio:

[...] Então João Sérgio é doido pela rua, não? Ainda bem. A rua é o mar ato das cidades, é o rio onde corre a vida mais intensa e onde se colhe na experiência dos homens, a perfídia, a estupidez, a miséria dos homens... Mas a rua para João Sérgio não vem dos homens, vem das coisas que sabem ser mais humanas, vem das árvores e das pedras, do sol e do céu que parece ondular em cor e em ritmos de asa, indiferente, sobre a cabeça dos homens.

As cartas, embora sejam poucas, demonstram uma densidade que nos possibilita dimensionar a relevância dessa prisão política enquanto uma experiência que faça parte da carreira literária dos escritores militantes, e não como algo que esteja alienado a ela. Uma produção inédita, embora não publicada e, em princípio, não finalizada, é o manuscrito já citado, intitulado “Normando, um negro de 10 traços biográficos”. Certamente há muito que se explorar nesse escrito, mas, por hora, nos deteremos nele apenas como uma referência autobiográfica do escritor ou até mesmo uma tentativa de escrever e redimensionar, pela primeira vez, a sua experiência de preso político na ficção.

O material é em grande parte composto de folhas manuscritas e algumas datilografadas. Não existe nos papéis a data expressa em que a obra foi escrita e não se sabe se está finalizada. No entanto, as folhas datilografadas deixam uma pista importante. Elas são um papel timbrado onde no limite superior da pauta consta escrito “Grande Comício Luiz Carlos Prestes” e, embaixo, o endereço do antigo comitê do PCB no Rio de Janeiro. O que se sabe é que o famoso “Grande Comício” de Prestes foi realizado em 1945, no Pacaembu, em São Paulo. Logo, podemos supor que esse manuscrito dalcidiano seja da década de 1940, data posterior e recente à sua prisão política.

Resumidamente, essas referências se denotam importantes no âmbito dessa discussão pelo fato da narrativa contar a história de um jovem negro chamado Normando, descrevendo sua infância pobre e difícil no interior do Rio de Janeiro, na cidade de Campos, nos limites de uma vida

marginal. Já adulto, se arrisca numa viagem de navio à França e lá conhece os ideais da Revolução Francesa. De volta ao Brasil, após vivenciar um período de formação pessoal e política, Normando ingressa no Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1929. No exercício de sua militância é preso em 1935. Claramente podemos articular tais eventos narratológicos com os acontecimentos da vida de Dalcídio, com exceção das origens de cidades natal. No início do escrito, temos uma fala direta do narrador, numa espécie de “Ao leitor”, que contextualiza as motivações para contar a história de Normando, além de, provavelmente, dialogar com os tempos ásperos da Era Vargas:

A tormenta nazi-fascista, precisamente, em sua forma mais agressiva, amainará. Vai tudo serenando na velha enseada da Democracia, cujas águas, a princípio foram agitadas pela falta de compreensão, pela ausência da unidade e de respeito aos direitos humanos. O que resta terá, conseqüentemente, de deixar, de modo definitivo, de fazer soprar os seus ventos remanescentes, para que a Humanidade vença a maior das batalhas e possa viver, conforme as suas aspirações.

E escreva-se a Nova História inspirada nos feitos, também dos humildes, dos filhos do povo, dos filhos mais queridos da classe operária, na expressão convincente do camarada Prestes.

[...] Isto para que tenhamos o direito de viver livres num mundo de paz, de trabalho, de justiça, sob cujos postulados possamos, inclusive, sem receios num acentuado pronunciamento de liberdade, escrever a biografia de um negro, sobretudo, de um negro comunista militante, sobrevivente, entre os raros, do movimento revolucionário da esquadra contra os castigos corporais, a 22 de Novembro de 1910: - NORMANDO NEVES DE OLIVEIRA.

Nesse trecho que o autor intitula INTRODUÇÃO, já podemos identificar muitas semelhanças entre o camarada Normando e o camarada Dalcídio: negro, comunista militante, sobrevivente, além do teor revolucionário do escrito e da referência a Luis Carlos Prestes, o grande líder comunista durante a Era Vargas. Na primeira parte dos escritos, o autor se dedica a falar da tragédia da escravidão, de criticar o racismo no Brasil e a exploração do homem negro, no intuito de contar a origem de Normando e sua vida desde a infância aos tempos de militância.

No intento de apenas traçar um recorte que contemple os objetivos específicos deste ensaio que é abordar a relação entre biografia literária e prisão política de escritores militantes, concluímos com trechos do manuscrito em que o narrador conta sobre o ingresso de Normando no Partido Comunista (PCB), seus ideais e anseios, a sua prisão política:

Em 1929 Normando ingressa no Partido Comunista do Brasil. Entra e se firma numa decisão, de jamais se afastar das fileiras do partido da classe operária, dos camponeses, dos marinheiros, dos soldados do povo. [...] E sendo o partido a expressão revolucionária do proletariado, a sua vanguarda [ilegível] ama o proletariado, de quem fala como se recitasse alguma estrofe de seu poeta, e poeta de todos os brasileiros que *se não* vergaram.

[...] O camarada Normando servia a bordo do casco do velho Benjamin onde fora

preso em Novembro de 1935. De bordo da velha galera para a Polícia Especial Deperando-se ali com o Sr. Lucio [ilegível] investigador [ilegível] simulando desconhecer que os negros velhos também se batiam contra o fascismo.

[...] Passaram pela frieza do porão maldito milhares de companheiros, dentre tantos e tantos, o companheiro Abranches, que pelo fato de ser espírita conquistará a simpatia acentuada do camarada Normando, e ali chegando entredado de reumatismo, Normando tira a blusa de flanela e dá-la ao doente. Gesto tão despreendido, tão significativo, arranca do Abranches esta repreensão: Não meu amigo, abrigue-se, o senhor é velho – o que ele responde – isso mesmo – estou velho e a revolução precisa de jovens, portanto, aceite.

A luta contra o fascismo e o apreço pela classe operária foram motivações frequentes na formação ideológica de Dalcídio. Há dois romances do escritor em que a classe operária aparece em destaque, “Passagem dos Inocentes” (1963) e “Linha do Parque (1959)”. Outro ponto biográfico que chama a atenção nesse trecho é o camarada Normando sofrer de reumatismo. Dalcídio Jurandir sofria de reumatismo desde a mocidade - assunto tratado numa das cartas trocadas com a mulher - o que já se apresentava como indícios da doença que avançaria com o passar dos anos e o levaria à morte em 1979, o mal de Parkinson.

Ao buscarmos referências sobre as narrativas ou uma literatura do cárcere, o que se mostra consolidado enquanto tal são as memórias diretas contadas por um protagonista que vivenciou a experiência, como no clássico “Memórias do Cárcere” (1953), de Graciliano Ramos, também preso em 1936, pelos mesmos motivos de Dalcídio Jurandir e Eneida de Moraes, ou seja, a filiação e militância ao Partido Comunista. O testemunho de Graciliano torna-se, portanto, um parâmetro importante na literatura brasileira para se pensar numa estética da narrativa do cárcere. No entanto, sob a ótica de diversas formas de testemunho, o cárcere político denota um espaço literário e também filosófico, pois, se estes prisioneiros ali são mantidos para que cessem de difundir seus ideais e suas ideias, a literatura do cárcere e o que nela se revela interligado provam que tal tentativa, felizmente, fracassou.

REFERÊNCIAS

BRANDAO, Luiz Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARTINS, A. M. (2013). **O corpo e a voz da prisão: testemunho e experiência na literatura de cárcere**. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 35(3), 193-202. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v35i3.17732>

NUNES, Benedito (Org). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Vol.I. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

VECCHI, Roberto. **As potências da claustrosafia: limiães políticos do pensamento e da Literatura do Cárcere.** In: Literatura e Memória política. Angola. Brasil. Moçambique. Portugal. ABDALA JÚNIOR, Benjamin; VECHIA ROCHA E SILVA, Rejane. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

Viviane Dantas Moraes

Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Líder do grupo de Pesquisa SOLINARE – Sociedade, Literatura e Narrativas de Resistência (UFMA/Cnpq). Pesquisadora integrante do grupo de pesquisa NARRARES – Estudos de Narrativas de Resistência (UFPA/Cnpq). Pesquisadora colaboradora no grupo de pesquisa Ficção: arqueologia, antropologia, e materialidade do conceito (UERJ/Cnpq). Mestre e Doutora em Letras (UFPA) e Pós-doutorado em Narrativas do cárcere (UFPA).

Recebido em 06/06/2023.

Aceito em 30/07/2023.